

# A força dos taciturnos

*Romance de Laurent Gaudé mostra a coragem de uma família para resistir aos infortúnios da vida e a estranha força de uma maldição que os faz combater a miséria, a inveja e o exílio*



Família reunida à mesa. Crianças trançando as pernas dos adultos e zanzando entre as cadeiras. São os próprios anfitriões que suam à beira do forno, porque ali não há empregados. Os pratos vão chegando, um após o outro, e as surpresas parecem não ter fim. Todas as espécies de frutos do mar surgem estalando nas bandejas, enquanto alguém arrebenta a rolha de uma garrafa e deixa que o aroma do vinho tinto se espalhe entre os convidados. Fala-se alto e mastiga-se ao mesmo tempo. Vozes vibrantes se misturam ao tilintar agudo de talheres e copos que se chocam. Brinda-se a tudo. Vivas que não acabam mais. E sorrisos. A sensação de fastio não incomoda: é apenas a confirmação de que, ao menos uma vez na vida, é possível ser feliz. O almoço dos irmãos Scorta, realizado numa tarde escaldante e abrigado sobre as tábuas de madeira de um *trabucco* (espécie de dique ou trapiche), é uma das passagens mais significativas e marcantes na obra do francês Laurent Gaudé. Significativa porque representa um raro, talvez único, momento de euforia coletiva dos irmãos Carmela, Domenino, Giuseppe e Raffaele, que podem se extasiar sem nenhum contratempo. Marcante porque consegue descrever a áurea do ambiente de forma tão genuína e atraente que o leitor se sente convidado a participar do almoço e compartilhar dos sentimentos mais profundos e obscuros presentes na conturbada história dos integrantes dessa família, conhecidos como “os taciturnos”.

A história se passa em Montepuccio, uma aldeia árida

localizada na região da Puglia, no sul da Itália. Um lugar eternamente castigado pela ira do sol, capaz de cozinhar o cérebro dos viajantes e tirar o juízo de quem se aventure a andar pelas ruas entre o meio-dia e o início da tarde, período em que é feita a sagrada sesta. Uma cidade que sobrevive mais pela força das oliveiras, que insistem em brotar do solo ressecado, do que pela obstinação dos seus moradores, que se debatem contra a poeira e o calor. Contada em cinco gerações, a saga dos Scorta começa quando o ex-presidiário Luciano Mascalzone tira a virgindade de uma moça do povoado. Acusado de estupro, é apedrejado à morte no meio da rua. No ventre dessa moça seria gerada uma mescla de sentimentos de rancor e amargura, misturada à gana inabalável de viver. Entre seus futuros descendentes estão os irmãos que almoçam no *trabucco*. Ao longo de todo o livro uma força insólita os une. O que é bom, é bom para todos. E, mesmo na velhice, com sucessivas mortes e derrotas, quando esses laços parecem começar a desatar, o sol, que ilumina a mente dos homens, mais uma vez resgata a obstinação dos Scorta. E traz à tona também sua maldição, que nunca deixa de acompanhá-los.

Ao nos contar as particularidades da vida dos *montepuccianos*, Gaudé fala sobre as misérias e virtudes do ser humano. Se, em um momento, os Scorta foram vítimas da humilhação e do linchamento moral dos vizinhos pela forma como vieram ao mundo, num futuro próximo de riqueza eles não precisariam mais se esconder como bichos horrendos. Mesmo sendo fruto das contínuas pilhagens do chefe da casa, o dinheiro e as terras que possuíam, em certo momento da vida, trouxe-lhes o respeito de todos e até a admiração de alguns. Mas a situação cômoda dessa família teria uma reviravolta com a morte do patriarca saltador. Na verdade, a morte e o revés estão sempre batendo à porta dos Scorta, fatos que os tornam

iguais ao resto de Montepuccio, onde todos estão condenados à pobreza e à labuta interminável, seja na terra ou no mar, com a pesca, o transporte ilegal de imigrantes e o contrabando de mercadorias. A diferença é que o passado dos Scorta esconde grandes segredos e reserva uma força convicta que os move sem que nem mesmo eles a compreendam.

Se as agruras dos protagonistas são atenuadas pela naturalidade com que escreve Gaudé, é justamente pela falta de rebuscamento e pela crueza descritiva que o autor acentua o sofrido dia-a-dia desses personagens.

A linguagem é simples, mas as comparações são profundas. O livro está impregnado da sensibilidade do escritor, o que o torna capaz de encontrar poesia onde ela parece não existir. Vale a pena transcrever o trecho que encerra a descrição do apedrejamento de Luciano Mascalzone: “Uma família deveria nascer daquele dia de sol ardente, porque o destino quis brincar com os homens, como fazem às vezes os

gatos, com a ponta das patas, com os pássaros feridos”.

O relato em terceira pessoa de um narrador que apenas observa é alternado com as confidências de Carmela Scorta, que conversa com um padre enquanto este fuma um cigarro interminável. A idade está se aproximando e ela começa a ficar esquecida. Por isso, sente a necessidade de revelar a alguém de confiança a origem conturbada de sua linhagem. Ela teme que a história de sua família se perca no tempo, mas nem imagina que o sangue dos seus ancestrais permanece pulsante nas veias de sua neta Anna, talvez a última dos Scorta. E, mesmo sendo a última, é dura e persistente o bastante para dar continuidade à saga. Esse sentimento, misterioso e superior à própria vida, é o mais belo e intrigante mistério com que nos brinda o escritor francês.

### O Sol dos Scorta

Laurent Gaudé

Editora Nova Fronteira / 238 págs.

## Trecho da obra

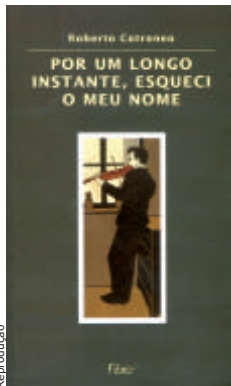
“(…) De repente, uma pedra o atingiu em cheio na cabeça. Ele não teve nem forças para se virar. Fez um esforço para se manter na sela, bem ereto. ‘Então, é assim,’ pensou ele ainda, ‘é assim que vão me matar. Apedrejado como um excomungado’. Uma segunda pedra o atingiu nas têmporas. Desta vez, a violência do choque o fez vacilar. Caiu na poeira do chão, com os pés presos aos estribos. O sangue lhe escorria pelos olhos. Ainda ouvia gritos ao seu redor. Os homens se inflamavam. Cada qual pegando uma pedra. Todos queriam acertá-lo. Uma espessa chuva de pedras lhe martelou o corpo. Podia sentir as pedras quentes da região ferindo-o. Ainda estavam ardentes por causa do sol e espalhavam por toda volta o cheiro seco das colinas. Sua camisa estava encharcada de sangue quente e grosso. ‘Estou caído. Não estou resistindo. Batam. Batam. Não matarão nada que já não esteja morto. Batam. Não tenho mais forças. O sangue está se esvaindo. Quem jogará a última pedra?’ Estranhamente, a última pedra não vinha. Por um momento, chegou a pensar que os homens, em sua crueldade, estivessem querendo prolongar sua agonia, mas não era nada disso. O padre acabava de chegar e tinha se intrometido entre os homens e a vítima. Chamava-os de monstros incitando-os a parar com aquilo. Logo Luciano sentiu que ele se ajoelhava a seu lado. Seu hálito penetrava em seus ouvidos: ‘Estou aqui, meu filho. Estou aqui. Agüente firme. Dom Giorgio

vai cuidar de você.’ A chuva de pedras não recomeçava e Luciano Mascalzone adoraria poder afastar o padre para que os moradores de Montepuccio acabassem o que tinham começado, mas não tinha mais forças. A intervenção do padre era inútil. Só fazia prolongar o tempo de sua agonia. ‘Deixe que me apedrejem com raiva e selvageria, deixe que me pisoteiem e vamos acabar logo com isso.’ Era o que queria dizer a dom Giorgio, mas nenhum som lhe saía da garganta.

Se o vigário de Montepuccio não houvesse se intrometido entre a multidão e sua vítima, Luciano Mascalzone teria morrido feliz. Com um sorriso nos lábios. Como um conquistador saciado de vitória e morto em combate. Mas ele durou um pouco mais do que deveria. A vida ia lhe escapando tão lentamente que teve tempo de ouvir o que gostaria de ter ignorado para sempre. (...)”



Divulgação



Reprodução

Em *Por um longo instante, esqueci meu nome*, o jornalista, escritor e crítico literário Roberto Cotroneo cruza dois temas intrigantes: a busca interior empreendida pelo ser humano e o universo de significações contidas em uma música. A história gira em torno de Luís, um violinista italiano que deixa a cidade natal para morar em Milão, onde termina seus estudos. Ali começaria a imergir em uma nova realidade, por meio de associações

entre sua vida e seu violino. Tempos depois, em Veneza, seria descoberto por Chiara, a mulher que o convidaria a integrar um quarteto de cordas obstinado em ensaiar e gravar a obra 133, de Beethoven, descrita no livro como a mais sublime e enigmática do compositor.

Entre incontáveis recordações do passado, Luís tenta descobrir sua essência, definir um caminho a ser trilhado e formular um objetivo a ser atingido. Essas lembranças vêm da época em que trabalhou em um navio, singrando pelo oceano com destino incerto, ou remetem diretamente à sua cidade, cuja localização é praticamente desconhecida — ela pode estar em qualquer parte do mundo. Cidade conhecida por seus jogos de xadrez, o grande vício dos seus habitantes, ao qual se dedicam o dia inteiro e em todos os lugares.

Para produzir esse efeito de introspecção, mediado por inúmeras digressões, Cotroneo verticaliza as características individuais dos personagens que aparecem ao longo do romance, como Giorgia e Eliseo, que completam o grupo ao lado de Luís e Chiara. Os quatro, apesar de tão diferentes entre si, conservam um ponto em comum: buscam a solução de seus problemas por meio da

música, que passa a funcionar como uma válvula de escape para as aflições e angústias do mundo que os observa pela janela da sala onde ensaiam.

As dificuldades e os prazeres de se conviver em grupo estão presentes na obra, já que o quarteto se esforça para entender o que levou Beethoven a compor a 133. Nesse esforço, eles acabam por meditar sobre si mesmos. O que os teria guiado até ali? O que os motivaria a insistir em uma idéia que chega a parecer um devaneio? “Isso explica a minha vontade de continuar a estudar: fora do violino havia um mundo que me amedrontava e que eu desconhecia”, reflete Luís em uma das passagens do livro.

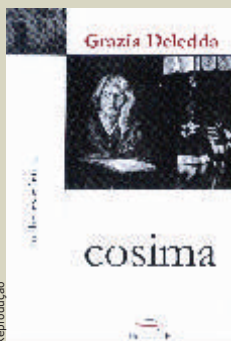
Durante um dos ensaios, Cotroneo faz cair um forte temporal para sinalizar a vinda de grandes mudanças na história. A partir de então, o objetivo maior do quarteto é esquecido, e entram em cena as questões pessoais. Muitos dos conceitos estabelecidos anteriormente são repensados, e o grupo acaba por segregar-se.

Com as experiências de Luís e sua constante tentativa de chegar a uma conclusão sobre seus dilemas, Cotroneo costura uma narrativa instigante e envolvente, que abrange a poética de uma partitura musical e a inconstância particular de cada indivíduo. *(Por Ana Beatriz Scavazzini)*

### Por um longo instante, esqueci o meu nome

Roberto Cotroneo

Editora Rocco / 296 págs.



Reprodução

Das fábulas ingênuas e das imagens abstratas produzidas por uma mente infantil às percepções mais contundentes da crueza do mundo. Dos rabiscos despretensiosos e dos rascunhos confessionais à publicação dos primeiros romances, que rapidamente trariam o reconhecimento literário. Essas são as principais travessias da garota Cosima no livro autobiográfico de Grazia Deledda,

vencedora do Prêmio Nobel de 1926. A obra foi publicada em 1937, um ano após a morte da escritora.

Desde muito pequena, a menina se mostrava diferente dos irmãos, principalmente pela precocidade e por enxergar

além do que lhe era permitido. Aliás, tendo crescido ao lado de homens mais velhos em uma família patriarcal, inserida numa sociedade conservadora, hermética e recriminatória, não lhe era permitido enxergar quase nada. Esperava-se que, como mulher, ela conseguisse um marido decente e rico. Naquela época, escrever romances significava perder-se na vida.

As melhores lembranças que a menina traz da infância são as visitas da avó materna, que causavam em Cosima sensações maravilhosas, como se a mulher fosse um espírito amigo conhecido em outras vidas. É essa avó que, mais tarde, aparecerá em seus sonhos com revelações surpreendentes e intrigantes.



Reprodução

Na capa de *Os Italianos*, o primeiro impacto. Quatro pessoas, aparentemente da mesma família, comem de pé, sem talheres. Com uma das mãos seguram o prato. Com a outra, trazem a macarronada direto à boca. O homem, a mulher e as duas crianças não parecem nem um pouco incomodadas com isso. Pelo

contrário, esboçam um sorriso enigmático, faceiro, resignado. A pele encardida, os sapatos rotos e os ternos amassados reforçam o sentimento que a fotografia em preto-e-branco transmite. Difícil é definir esse sentimento: piedade, comiseração, familiaridade, nostalgia ou simplesmente curiosidade? Essas são as dúvidas que o historiador João Fábio Bertonha busca responder em seu livro: “Afinal, quem são os italianos? Convivas barulhentos que devoram fartas macarronadas ou degustadores sofisticados de pratos refinados? Pobres coitados vivendo sob o tacão de chefes mafiosos ou autores de teorias revolucionárias?”

Não é uma tarefa simples contar a história de um povo, muito menos defini-lo como tal. E essa, na verdade, nem é a pretensão do autor, como fica explícito na introdução da obra. O que o volume nos traz, sim, é mais uma visão sobre os italianos, ou melhor, sobre como o mundo os enxerga e como eles próprios se vêem. Para isso, Bertonha parte dos tempos em que a Itália, como é entendida hoje, sequer existia.

A massiva emigração italiana, bem conhecida pelos brasileiros, ocorrida entre os séculos XIX e XX, ganha um capítulo de destaque. Nele, o autor, fugindo dos clichês largamente repetidos, traz novas informações sobre o assunto, como o fato de os italianos sempre terem sido um

povo de grande fluxo migratório. Internamente, isso se explica pela própria geografia do país: relevos escarpados e a proximidade do mar não eram propensos ao cultivo ou à colheita dos produtos necessários à sobrevivência. Externamente, além do forte comércio, artistas e intelectuais viajavam longas distâncias para executar suas tarefas. Portanto, o espírito aventureiro e desbravador dos emigrantes na virada do século retrasado para o passado não era grande novidade, pelo menos para eles. Impressionante, sim, foi o número de pessoas que fizeram isso: 26 milhões, entre 1870 e 1970.

Bertonha discute também aspectos de posicionamento das políticas interna e externa italianas e aborda temas mais delicados e pouco conhecidos, como o racismo sofrido pelos emigrantes - principalmente os italianos do Sul - em muitas regiões do mundo nas quais aportaram, pelo fato de não serem oriundos da parte “boa” da Europa, representada pelos anglo-saxões, por exemplo.

O último capítulo, particularmente, é aquele em que o leitor se sente mais à vontade para ler. Pelo menos para quem se reconhece nele, já que trata do estilo de vida dos italianos, de suas relações viscerais com amigos próximos, dos valores quase religiosos creditados à família, em especial, à figura da *mamma*, e da grandiosa culinária, inserida em praticamente todos os contextos. Em seu livro, Bertonha enriquece o imaginário sobre a história do povo italiano, discute alguns rótulos enraizados em sua identidade e ratifica a força dos seus costumes, difundidos em várias partes do mundo.

### Os Italianos

João Fábio Bertonha  
Editora Contexto / 302 págs.

Cosima cresce num ambiente conflituoso. Após a morte do pai e de uma das irmãs, a mãe torna-se ainda mais calada e deprimida. Os irmãos mais velhos, por sua vez, parecem incompetentes para cuidar da família e protegê-la da inveja e dos comentários maldosos dos vizinhos. À menina, resta apenas trilhar seu caminho, resguardada num esconderijo particular repleto de reflexões e de sentimentos de adulto. Vão-se as memórias oníricas de criança, chegam os desejos mais intensos de mulher, os primeiros amores e também a resignação diante de certas desilusões com o mundo. O estofado literário da escritora cria-se nesse cenário conturbado de proezas passageiras, perdas familiares e constante descrença e desespero da mãe quanto ao futuro dos seus. A despeito da

recriação de todos pela profissão que escolheu, Cosima insiste em colocar no papel suas impressões mais profundas sobre a humanidade e, principalmente, sobre os personagens marcantes ao seu redor.

Na obra, Deledda demonstra sua incrível capacidade para descrever cenários e pessoas, constantemente recorrendo ao uso intenso das cores. Mais que isso, a autora consegue enxergar os matizes da vida para pintar em seu romance um ciclo de amadurecimento e aflições, que só se desenvolve pela intransigência de Cosima - ela não se permite parar de sonhar. E, ainda que ousasse, não conseguiria.

### Cosima

Grazia Deledda  
Editora Horizonte / 176 págs.